

## As Redes Sociais Aliadas às Práticas Docentes de Relações Públicas<sup>1</sup>

Bruna Teixeira Santos<sup>2</sup>

Marcelo de Barros Tavares<sup>3</sup>

Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, Porto Alegre/RS

### Resumo

O presente artigo reflete sobre as possibilidades das redes sociais online como aliadas da prática docente, num contexto da sociedade de rede (CASTELLS, 2003). Parte-se do pressuposto que a utilização das redes sociais na educação pode ser assertiva desde que a apropriação seja adequada. Ancorado na pesquisa documental e bibliográfica (STUMPF, 2012), o texto discute os conceitos de redes sociais (TERRA, 2011; RECUERO, 2012) e mídias sociais (ALTERMANN, 2010). Posteriormente, há o relato de uma prática docente, mediada pelas redes sociais, que ancorada na taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001), constata que é necessário a integração dos professores com a tecnologia, em face à formação profissional da área.

### Palavras-chave

Docência; Ensino; Redes Sociais; Relações Públicas; Taxonomia.

### Introdução

Desde que a internet iniciou comercialmente no Brasil, em 1995, vivemos constantes transformações na sociedade em rede (CASTELLS, 2003). Novas tecnologias surgem com uma frequência desenfreada e passamos a viver em mundos altamente conectados. Conforme a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015)<sup>4</sup> mostra, já somos 48% de brasileiros utilizando a internet regularmente, sendo que 37% utilizam todos os dias e 32% dos usuários dão atenção exclusiva à conexão, e desta forma, reconfigura um cenário de sociedade.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT 7) Teorias, metodologias e práticas de ensino das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional, atividade integrante do XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

<sup>2</sup>Relações-Públicas graduada pela ULBRA, Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes e Especialista em Marketing pelo Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter. Conselheira suplente do Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas – CONFERP, na gestão 2019/2022. E-mail: [bteixeiras@hotmail.com](mailto:bteixeiras@hotmail.com)

<sup>3</sup>Docente e Coordenador do curso de Relações Públicas do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, membro do Grupo de Pesquisa Ensino e Prática de Comunicação (GPEPcom) e membro do Grupo de Estudos em Comunicação Organizacional (GECOR-PUCRS). Conselheiro efetivo e Presidente do Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas – CONFERP, na gestão 2019/2022. E-mail: [marcelo\\_tavares@uniritter.edu.br](mailto:marcelo_tavares@uniritter.edu.br)

<sup>4</sup> PBM 2015 disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

A evolução digital vem revolucionando profundamente todas as dimensões da sociedade. Com isso, emergem diferentes plataformas digitais que possibilitam formatos diferenciados e mais interativos, proporcionando a criação de novos ambientes de aprendizagem. As próprias redes sociais digitais oportunizaram a produção e a troca de informações de forma mais intensa e atrativa, transformando o modo de receber e transmitir informação e, conseqüentemente, a busca pelo conhecimento.

Portanto, é visível que a expansão da internet e o crescimento das tecnologias digitais possui um impacto muito grande também na educação, afinal, como descreve Mattar (2013), o cenário é completamente diferente, com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), da internet, das ferramentas da web 2.0 e das redes sociais, que passaram a ser incorporadas à educação.

Diante desse panorama, o questionamento que fica deste artigo é: como as redes sociais podem ser aliadas da prática docente? Como hipótese, acredita-se que a utilização das redes sociais na educação pode ser muito benéfica se a apropriação for adequada, entretanto para que isto ocorra, acredita-se que seja necessário haver um diálogo entre instituições de ensino e a tecnologia, assim como capacitações constantes para professores. Para tanto, o objetivo está centrado em compreender como as redes sociais podem ser aliadas na prática docente.

O artigo tem o seu desenvolvimento organizado em três seções: a primeira apresenta os conceitos de redes sociais e as suas influências na democratização das redes; a segunda discute a prática docente e a docência do ensino superior; a terceira aborda o ensino de Relações Públicas e mediante um relato, discute as possibilidades das redes sociais como aliadas da prática docente. A motivação desta reflexão está ancorada no paradoxo em que temos de um lado uma revolução digital acontecendo, impactando e transformando diretamente diversas áreas da sociedade; e do outro, a educação, área básica e essencial sofrendo essas mudanças, apresenta-se aí a necessidade de mais dados e informações que aproximem e compreendam, se há e como há, a interação desses fenômenos.

### **Redes Sociais e Democratização das Redes**

O início do percurso teórico deste artigo começa com o pressuposto de que como web 2.0 entende-se a internet como plataforma, onde a interação é maior, o conteúdo é compartilhado e a produção é colaborativa. Quanto as nomenclaturas redes sociais e mídias sociais, de acordo com Altermann (2010), vale salientar que há uma diferenciação que neste artigo compreendeu-se como de suma importância deixar clara. Para isso, faz-se necessário

iniciar o estudo por bibliografias de comunicação digital e cibercultura, seguida por artigos e teses da educação, assim como por pesquisas que abordam o valioso cruzamento das duas áreas.

A necessidade de se relacionar e comunicar sempre existiu. Todavia, com a chegada da web 2.0, os processos sociais e informacionais da nossa sociedade começaram a mudar (Recuero, 2009). A mais expressiva modificação refere-se às redes sociais, isto é:

As estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais. Nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas para a comunicação (RECUERO, 2012, p. 16).

Pode-se dizer que a rede social passa a existir nos canais digitais no momento em que ocorre a troca e a conversação entre os usuários. Não havendo interação, a ferramenta não passa de uma mídia social, definida por Altermann (2010) como “ferramentas *online* que são usadas para divulgar conteúdo ao mesmo tempo em que permitem alguma relação com outras pessoas”. Aliás, Telles (2010) já alertou que tais termos são utilizados de forma indistinta e, muitas vezes, indevida.

Logo, refletindo sobre as argumentações dos autores apresentados acima, acredita-se que toda mídia social se trata do meio, ferramenta, canal ou plataforma, enquanto uma rede social é gerada a partir das interações, transformações e apropriações entre os usuários que utilizam aquela mídia social. Conclui-se, assim, como também aborda Recuero (2009), que toda rede social está dentro de uma mídia social, mas nem toda mídia social pode ser uma rede social.

As mídias sociais já são parte de nossas vidas e, conforme Terra (2011), elas incluem-se em nossas inter-relações cotidianas, nos mais diversos espaços de interação social, especialmente nos contextos educacionais, pois:

As mídias sociais estão em constante evolução e mudança, mas a essência que se extrai disso é a comunicação em mão dupla, a possibilidade de interação, participação e colaboração de diversas vozes, a capacidade de resposta e retorno e a oportunidade de estabelecermos de fato relacionamentos e diálogos com os públicos aos quais visamos, e isso independe de ferramenta (TERRA, 2011, p. 14).

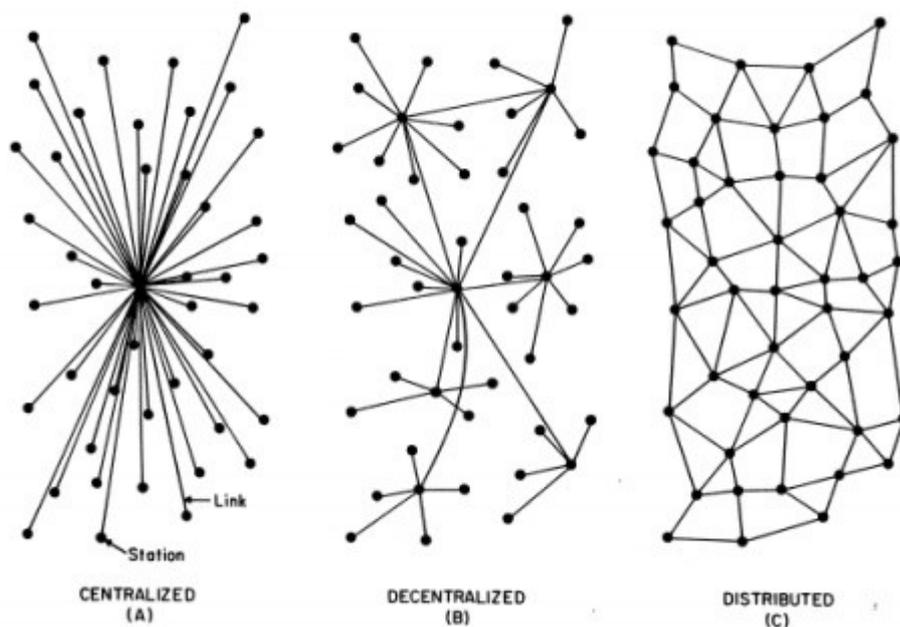
Visto isso, nota-se que a transformação tecnológica é constante, e as mídias sociais estão aí para facilitar o processo de comunicação e, mesmo, da informação, possibilitando a participação mais ativa e colaborativa das pessoas, conforme defende Santos e Athaydes (2013). Além, é claro, da mudança na forma de relacionamento, proporcionando voz e poder para qualquer indivíduo. Fenômenos que, sem dúvida, impactam e influenciam em diversas

esferas da sociedade, inclusive e principalmente nas instituições de ensino e, conseqüentemente, para os professores.

Além da democratização da informação, para Santos e Athaydes (2013) as mídias sociais dão voz para qualquer pessoa. Independente de formação ou hierarquia, todos podemos ser produtores de conteúdo. Isso se dá, principalmente, por passarmos de uma sociedade centralizada ou descentralizada para uma sociedade em rede ou distribuída, isto é, horizontalizada.

Paul Baran (1964) ilustra esses modelos centralizados, descentralizados e distribuídos através de diagramas, como vemos abaixo.

Figura 1 – Diagrama de Redes



Fonte: Paul Baran (1964)

É natural, ainda que o mundo esteja em constante transformação, hoje ainda existirem muitas organizações e instituições, de qualquer natureza, baseadas nos modelos de Baran (1964), representados na imagem acima, centralizados (diagrama A) e descentralizados (diagrama B), ou seja, há a hierarquia, o processo de fala de um – geralmente o maior – para todos, nesse caso os menores. No entanto, com as transformações digitais que vivemos, passamos a viver uma rede distribuída, já existente através dos processos comunicacionais digitais, mas ainda um modelo pouco utilizado em organizações ou instituições. Mas o fato é

que nesse modelo mais distribuído surgem mais vozes querendo ser ouvidas e percebendo que o conhecimento não depende da transmissão de uma pessoa que detém o poder, mas que podemos buscar informações nessa grande rede digital e transformá-las em novos aprendizados.

Para Santos (1996), é possível definir rede em duas grandes matrizes: “[...] a que apenas considera o seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, onde é também levado em conta o dado social [...]” (SANTOS, 1996, p. 208). Neste caso, a realidade material está diretamente relacionada com a infraestrutura que possibilita a condução da informação num determinado contexto e em suas intersecções e cruzamentos. Para o autor, ainda é importante o viés social dos sujeitos, dos discursos e universos simbólicos que se interagem nas redes.

Para Alonso (2008), a base que sustenta o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) perpassam pela conexão, conectividade e fluxo, conceitos que impactam outros ambientes. Com isso, a ideia de fronteira, territórios e lugares são substituídos pela ilusão do fluxo, o que modifica, em qualquer esfera da sociedade, a necessidade de reunião de pessoas, a concentração de informação ou conhecimento em um espaço, assim como a dependência.

Tendo em vista que as transformações trazidas pela tecnologia da informação, construiu a denominada sociedade da informação e do conhecimento, como já mencionado antes, os jovens e adultos buscam e encontram informações hoje em diversas fontes. Em função disto, “[...] a escola perdeu o monopólio de transmissora de saber [...]” (RODRIGUEZ, 1996, p. 115). As redes de comunicação transmitem de forma muito eficiente e eficaz as informações, o que faz com que emerja o discurso de que a universidade precisa ressignificar o seu papel ou função, todavia, as TICs podem ser grandes aliadas desse processo pedagógico.

## **As Práticas Docentes**

Embora, num primeiro momento, as redes sociais tenham sido utilizadas, principalmente, por jovens como um meio de comunicação, posteriormente foi percebendo-se que a utilização das redes sociais poderia ser bem maior, como por exemplo, na disseminação de movimentos sociais<sup>5</sup>. Dessa forma, com a notável expansão desse meio, pessoas e organizações começaram a voltar suas atenções para as redes sociais, inclusive muitas instituições de ensino como uma forma de divulgação de informação para os alunos, como afirma Lorenzo (2013).

---

<sup>5</sup> De acordo com a notícia “A partir das redes sociais, onda de protestos tomou 353 cidades”, do dia 30 jun 13, disponível no link <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/a-partir-das-redes-sociais-onda-de-protestos-tomou-353-cidades>

Para Lorenzo (2013), as redes sociais na educação “podem gerar novas sinergias entre os membros de uma comunidade educativa”, facilitando, dessa forma, “o compartilhamento de informações envolvendo temas estudados em sala de aula, o estudo em grupo, a divulgação dos mais diversos conteúdos informativos, o compartilhamento de recursos (documentos, apresentações, links, vídeos) e, sobretudo, de projetos”. Além disso, elas proporcionam um fortalecimento da relação aluno e professor, criando um canal de comunicação entre eles, como afirma Lorenzo “esses professores e alunos usam algumas redes para trocar experiências, avaliações e conteúdos com informações de aprendizagem em todos os níveis de estudos”.

Mattar (2013) também fortalece a importância das redes sociais na educação quando afirma que elas também colaboram no processo ensino-aprendizagem. Contudo, trata-se de um movimento novo que se apresentam necessidades de pesquisas que comprovem resultados. O autor também apresenta três principais motivos que justificam a utilização das redes sociais na educação: a ambiência preferida dos estudantes é o Facebook; a potencialidade do viés da educação; a possibilidade de utilizar dinâmicas de grupos como metodologia ativa em sala de aula.

Da mesma forma, Lorenzo (2013) traz uma série de benefícios que fortalecem a utilização das redes sociais na educação, são elas: a centralização de todas atividades docentes; o estímulo da comunidade educativa; melhoria na funcionalidade de comunicação e participação de todos os alunos; uso da coordenação e conexão de diferentes grupos; e a propagação de informações entre professores e o restante da comunidade acadêmica.

Fica bastante clara a importância e quão benéfica pode ser a utilização adequada das redes sociais como aliadas da prática docente, todavia, apresenta-se aí um grande desafio, uma vez que o conhecimento passa a ser aberto e colaborativo. Além disso, os usuários deixam de ser passivos e passam a ser ativos, como produtores de conteúdo. Para Mattar (2013), além de leitor, o aluno também é autor e produtor de conteúdo para a educação. Assim como pode ser editor e colaborador para uma audiência que transcende o ambiente de aprendizagem. Logo infere-se que o professor precisa estar preparado para atuação também em ambientes digitais, inserindo essas ambiências em suas práticas pedagógicas.

A prática docente, entretanto, já é uma tarefa bem complexa por natureza, afinal, ela vai além do conhecimento específico do professor, conforme diz PIVERRA; ISAIA (2008), perpassa o domínio do campo pedagógico, sendo constituído à medida que o professor vive esses processos de ensino e aprendizagem. Sobre isso Schlemmer (2010) corrobora:

Para ser e estar no mundo enquanto docente, na atualidade, é preciso desenvolver um conjunto de competências que vai muito além daquelas vinculadas ao campo específico do conhecimento, da área em que o docente atua, pois incluem as competências didáticos-pedagógicas aliadas a competências tecnológico-digitais, fundamentais para educar o “nativo digital”, a geração “Homo zappiens” [...] que constituem hoje grande parte do nosso público discente em diferentes níveis de ensino, incluindo o ensino superior, trazendo consigo significativos desafios para os professores, pois aprendem por meio de cliques, toques, telas ícones, sons, jogos, num emaranhado de ações e interações que envolvem a curiosidade, a pesquisa, a descoberta, o desafio, a exploração, a experimentação, a vivência em diferentes redes de conversação online (SCHLEMMER, 2010, p. 104).

O papel do professor que está inserido na tecnologia, por fim, traz um emaranhado de atribuições, atividades e competências que transcendem a simples função de transmitir conhecimento. Desse modo, Mattar (2013) defende que o professor precisa ser formado para a utilização das redes sociais na educação. Portanto, há a necessidade de programas de extensão que possibilitem essa capacitação e atualização para o docente.

Ainda é importante abordar que, nessa perspectiva da tecnologia, outro desafio do professor trata-se quanto à lógica da rede versus a da instituição de ensino, que ainda é bastante centralizadora e hierárquica. Conflitando com o modelo de rede, onde não há um centro e a produção é colaborativa. Para Kenski (2007), as instituições teriam de se identificar com as TIC, numa perspectiva de interação necessária à aprendizagem, e os professores assumiriam papéis menos autoritários, mais horizontais; ou, ainda, tendo o professor como um moderador (CARNEIRO & MARASCHIN, 2005).

Para tanto, enfim, há uma proposta de síntese do processo ensino-aprendizagem em que “[...] a aquisição do conhecimento científico não necessariamente depende de intervenções tecnológicas, pois as observações e as experiências humanas são muito mais importantes [...]” (ARMSTRONG e CASEMENT, 2001, p. 202). Há aqui um enlace que permite analisar a importância do vínculo social por trás dos aparatos tecnológicos, uma vez que estes devem estar a postos para os sujeitos, que devem sim estar em primeiro lugar no escopo de interação pedagógica.

Portanto, é evidente que as tecnologias da informação e comunicação não substituirão as instituições de ensino ou os professores, entretanto, o reconhecimento e a aceitação desse novo *mindset* digital se faz necessária e urgente, buscando a integração entre as instituições de ensino, professores e o universo digital para dinamizar as aulas e engajar os alunos, tornando a sala de aula um local mais interativo, propiciando que o aluno seja o seu próprio mestre e o professor, dessa forma, tornando-se muito mais um facilitador de processos, assim como a tecnologia se coloca para todos.

## **A Taxonomia e o Ensino de Relações Públicas**

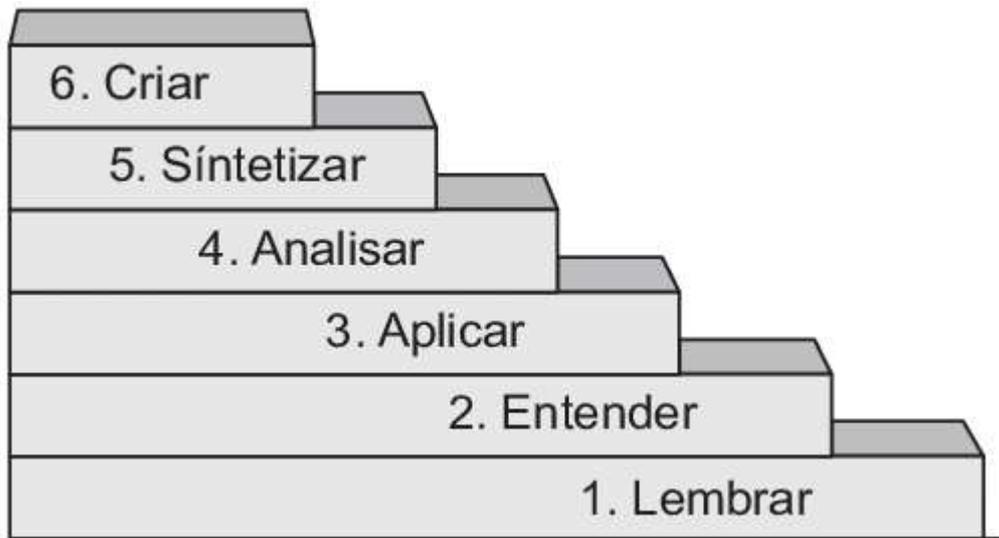
O ensino de Relações Públicas no Brasil se inicia em 1967, com o advento da lei que regulamentou a prática profissional. No mesmo ano, a Universidade de São Paulo (USP) lança o primeiro curso de ensino superior na área. Ao retomar o histórico deste processo, Tavares (2018) pontua que “[...] os marcos normativos anteriores no ensino da atividade, sendo eles os Currículos Mínimos de 1969, 1978 e 1984 e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Comunicação Social de 2001 e 2013” (TAVARES, 2018, p. 19) são importantes na construção da identidade da atividade. De acordo com o autor, estes textos refletem uma evolução no processo de ensino de graduação da área.

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) dão conta de uma demanda ampliada e sistêmica para a formação do profissional de Relações Públicas. Este cenário exige que os docentes se valham de novos processos em suas práticas docentes. De acordo com Morán (2015), o professor assume um papel de coparticipação no processo ensino-aprendizagem, especialmente com o advento das metodologias ativas. Há estudos bem aprofundados no campo da educação sobre este conceito, mas neste artigo, firma-se a concepção de Morán (2015) que entende este como um novo formato – e desafio – para os profissionais de educação.

O uso de metodologias ativas está diretamente ligado com os processos cognitivos dos alunos ao estabelecerem a aprendizagem. A taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001), referenda que o conhecimento do sujeito está dividido em seis momentos: o primeiro em que ele lembra do conteúdo, o segundo na medida em que ele passa a entendê-lo, o terceiro reflete a aplicação dele, o quarto está aligado à análise do sujeito sobre o assunto, o quinto é quando o indivíduo sintetiza as informações, e o sexto quando ele cria uma situação com o dado adquirido. De acordo com os autores, o processo atinge a excelência quando o aluno passa por todas estas etapas.

A taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001) é um aporte teórico que fomenta o uso de metodologias ativas, pois quebra a concepção de que o conhecimento é adquirido pelo sujeito com o simples contato com o conteúdo. Não se trata apenas de ouvir, ler ou escrever sobre um determinado assunto, o indivíduo precisa construir o conhecimento em diferentes etapas, que ficam melhor apresentadas na figura a seguir

Figura 2 – Taxonomia de Bloom



Fonte: elaborado pelos autores com base em Anderson et al. (2001).

A figura acima traz as seis etapas da taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001) caracterizado por estágios do processo cognitivo de todo sujeito. A prática docente deve, portanto, permear cada um desses níveis com vistas a atingir a excelência no processo de ensino-aprendizagem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) demandam que o aluno tenha uma vivência prática das técnicas de Relações Públicas, e além disto, adquira determinadas competências para compor um perfil de egresso de excelência para a sociedade. Desta forma, o uso da taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001) pode significar uma vantagem para o docente no processo ensino-aprendizagem.

Ancorados nesta perspectiva e desafio do ensino da área de Relações Públicas, os autores deste artigo elaboraram uma prática pedagógica docente que utiliza as redes sociais em uma aula da disciplina de Redação em Relações Públicas I, no segundo semestre do ano de 2018. O componente curricular compõe o quarto semestre do curso de Relações Públicas do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, localizado na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O tema da aula deste relato foi o uso de técnicas de produção de conteúdo tendo em visto o SEO (Search Engine Optmization). Em 1997, Bob Heyman e Leland Harden chamaram de SEO a técnica de otimização de sites para mecanismos de busca (Google, Yahoo, Bing, Youtube, entre outros). Essa técnica compreende a adequação de conteúdo (de textos e imagens) em sites e blogs para buscar o melhor posicionamento nos mecanismos de busca.

Além disso, também existem estratégias de utilização adequada de *hiperlinks* e *hashtags* que contribuem para o objetivo de SEO. Entende-se – a partir da ementa da disciplina – que o aluno necessita ter o domínio destas técnicas para construir produtos de comunicação nas ambiências digitais. Desta forma, o plano de aula esteve centrado de acordo com o quadro a seguir.

Quadro 1 – Plano de Aula com Redes Sociais

| Conteúdo Ministrado                                    | Procedimento Realizado   | Recurso Utilizado                |
|--|--|----------------------------------|
| Sondagem da percepção dos alunos sobre técnicas de SEO | Aplicação de um quizz com 10 perguntas                               | Plataforma Kahoot!               |
| Reconhecimento das palavras-chaves                     | Desafio da desconstrução de algum texto institucional                | Plataforma de Blogs Corporativos |
| Teste das palavras-chaves                              | Criar perguntas para buscar o texto institucional selecionado        | Busca do Google                  |
| Resultado da pesquisa                                  | Avaliar e mensurar os resultados atingidos                           | Busca do Google                  |
| Propostas de mudanças                                  | Criar novas formações discursivas para o texto de forma colaborativa | Google Docs                      |
| Produção textual                                       | Desafio da escrita de um texto com palavras-chaves                   | Blog Wordpress                   |

Fonte: elaborado pelos autores (2018).

A taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001) está disposta nas seis etapas do conteúdo ministrado no plano de aula exposto no quadro acima. O questionário organizado para a sondagem permitiu aos alunos lembrarem de alguns pontos essenciais para a construção das tarefas posteriormente na aula. No momento em que esta etapa foi vencida, a segunda exigiu que eles entendessem os conceitos vistos, e foi na pesquisa em plataformas de blogs corporativos – de livre escolha – que os discentes puderam apurar as formações discursivas.

A terceira etapa de Bloom, segundo Anderson et al. (2001), está relacionado com a aplicação do conhecimento. Para isto, os alunos tiveram de testar as palavras-chaves para diferentes perguntas no serviço de buscas do *Google*<sup>6</sup>. Neste momento, foi necessário que eles testassem diferentes perguntas para apurar se o texto do blog serviria de busca de resultados. Os resultados obtidos neste movimento serviram de base para a análise da turma, e assim,

<sup>6</sup> Plataforma ofertada pela empresa multinacional na área de serviços online e software. Sediada nos Estados Unidos, ela tem alcance em diversos países ao redor do mundo.

caracterizou a quarta etapa do processo de cognição proposto pela perspectiva teórica da taxonomia de Bloom.

A quinta etapa fica centrada na síntese do aluno no processo de construção do seu conhecimento. Para tanto, eles tiveram de construir novas formações discursivas de forma colaborativa com todos os integrantes da turma, por meio de um documento do *Google Docs*. A sexta e última etapa da taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001) reside na criação dos alunos a partir do conhecimento adquirido, e neste momento, os discentes foram convidados a criar um novo texto, com todos os aspectos observados na prática pedagógica.

Ao observar os alunos, os autores – que aplicaram conjuntamente a atividade – puderam identificar o engajamento dos discentes nas etapas propostas. O conhecimento adquirido foi aplicado e sintetizado na prática orientando a criação de um produto, potencializando assim a incorporação dos conteúdos ministrados. Durante a execução pode-se notar comentários diretamente ligados às experiências pregressas individuais de cada aluno. Desta forma, a aula proposta colaborou para a trajetória acadêmico-profissional da turma.

### **Considerações Finais**

O surgimento das mídias sociais possibilitou a aproximação das instituições de ensino e mesmo dos professores com seus alunos, o relacionamento contínuo e a rede distribuída proporcionou voz a qualquer pessoa. Essas transformações tiveram um grande impacto na forma de fazer comunicação, na democratização da informação, impulsionando a adaptação do docente e das instituições de ensino diante do cenário que surge.

A partir do que aborda, principalmente, Mattar (2013) e Lorenzo (2013), a respeito da importância e relevância da inserção das tecnologias de informação e comunicação no ambiente educacional, pode-se aferir que as redes sociais podem ser grandes aliadas na prática docente. No entanto, um planejamento e capacitação se fazem necessárias para que a apropriação, pelos professores, ocorra de forma adequada, isto é, proporcionando um ensino interativo, distribuído e colaborativo, onde os alunos sejam mais ativos no processo de aprendizagem. Além disso, surgem como desafios para o profissional docente a ressignificação do papel de professor como um facilitador de processos de aprendizagem, onde o aluno atua muito mais como mestre de si.

O ensino da área de Relações Públicas, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013), exigem das Universidades um novo desafio. As competências mínimas e o perfil do egresso com uma visão mais ampliada da prática do profissional na sociedade

requerem novos paradigmas da prática docente. Há, portanto, uma orientação de novos formatos em atividades pedagógicas na formação da atividade.

O relato de prática docente apresentado – ancorado pela taxonomia de Bloom (ANDERSON et al., 2001) – configura-se como um movimento empírico dos conceitos apresentados, aliando as redes sociais na prática docente. O ensino de Relações Públicas, seja pelo viés prático ou teórico, necessita de práticas que estimulem os alunos com a conectividade da sociedade em rede, considerada como uma premissa básica na contemporaneidade.

As reflexões deste artigo podem representar um novo escopo de pesquisa científica no campo das Relações Públicas, no que tange à apropriação das práticas docentes de acordo com as lógicas das redes sociais e da sociedade em rede. Trata-se de uma possibilidade para estudos mais aprofundados, em diferentes contextos e realidades de ensino na área, e assim estimular a renovação na produção do conhecimento.

## Referências

ANDERSON, Lorin W. et. al. **A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom's Taxonomy of Educational Objectives**. Nova York: Addison Wesley Longman, 2001. 336 p.

ALTERMANN, Dennis. **Qual a diferença entre redes sociais e mídias sociais?** Midiatismo, 2010. Disponível em: <http://www.midiatismo.com.br/comunicacao-digital/qual-a-diferenca-entre-redes-sociais-e-midias-sociais>. Acesso em 23 fev 2019.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 2 de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Relações Públicas. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Parecer CNE/CES nº 492 de 03 de abril de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.377 de 11 de dezembro de 1967. Disciplina a profissão de Relações Públicas e dá outras providências. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1967.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CONFERP. Resolução Normativa nº 43 de 24 de agosto de 2002. Define as funções privativas dos profissionais em Relações Públicas. **Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas**, Brasília, 2002.

LORENZO, Eder. **A utilização das redes sociais na educação**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2013.

MATTAR, João. **O uso das redes sociais na educação**. Jornal Corumbá, Ano I, ed. 5 – Jun/Jul, 2013. Poço de Caldas: UEMG, 2013.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. IN: [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 15-32. Disponível em <http://uepgfocafoto.wordpress.com/> . Acesso em 23 fev 2019.

PIVETTA, H; ISAIA, S. **Aprender a ser professor: o desenrolar de um ofício**. Educação, Porto Alegre, v. 31, nº 3, p. 250-257, set./dez., 2008.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada por computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUEZ, E.M. **Los desafios docentes ante las nuevas tecnologías**. In: ARRANZ, L. El libro texto: materiales didácticos. Madrid: Universidad Complutense, 1996. t. 1, p. 108-118.

SANTOS, Bruna Teixeira; ATHAYDES, Andréia Silveira. **A percepção dos gestores de comunicação de organizações de Porto Alegre sobre o uso das mídias sociais**. Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade. Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas. Salvador, 2013. Disponível em: [http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n2\\_percepcao\\_49485.pdf](http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n2_percepcao_49485.pdf). Acesso em 23 fev 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SCHLEMMER, Eliane. **Formação de professores na modalidade on-line: experiências e reflexões sobre a criação de espaços de convivência digitais virtuais**. Brasília, v. 23, nº 84, p. 99-122, nov. 2010.

TAVARES, Marcelo de Barros. **O caráter educativo da práxis de Relações Públicas: uma leitura humanista da atividade**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. PUCRS, 2018.

TERRA, Carolina. **Mídias Sociais... E agora?** São Paulo: Senac, 2011.